



100



Maioria acredita que Portugal terá um programa cautelar

Primeira Linha 4 a 16

líderes

ANTECIPAM

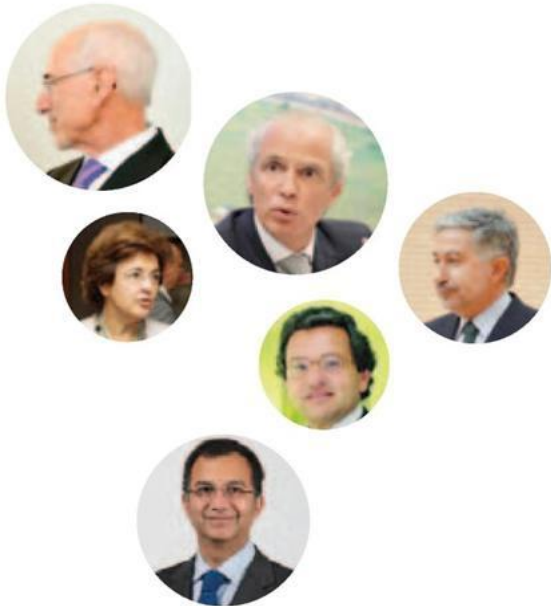
2014

- Optimismo para a economia aumenta. Desemprego é o maior risco
- Governo e PS deviam entender-se para fazer a reforma do Estado





Primeira Linha



Espero que 2014 possa constituir efectivamente o marco de um processo de ajustamento que, na melhor das hipóteses, será um instrumento para uma economia mais moderna e sustentável, mas que, na pior hipótese, será uma oportunidade perdida com custos sociais dramáticos no futuro próximo e para as próximas gerações.

Espero que 2014 possa consolidar a capacidade de atracção internacional da Universidade Católica, especialmente nas áreas da gestão, economia e direito.

LUÍS BARRETO XAVIER

Director da Católica Global School of Law



Estou moderadamente optimista. Vejo 2014 melhor que 2013. Receio alguma instabilidade social, o que poderá conduzir a eleições antecipadas no quarto trimestre.

JORGE ARMINDO

Presidente do Grupo Amorim Turismo



O ano de 2014 vai ser um ano de continuação da austeridade (para a maioria) e de fracas perspectivas de melhoria. A dependência externa vai continuar, a humilhação sobre a nossa soberania não nos deixa a independência da decisão, o desemprego vai continuar com valores escandalosos, as falências e insolvências das empresas e famílias vão manter-se nos níveis de 2013, o Sistema Nacional de Saúde continuará em crise (a saúde passa a ser só para quem a puder pagar), a Escola Pública de qualidade continuará a regredir, contrariamente ao privado que cada vez tem mais apoios e a Segurança Social continuará a ser atacada como nunca o foi desde a sua criação. A teimosia do Governo em cortar nas pensões de reforma em vez de distribuir, por todos, os sacrifícios, vai trazer a este grupo etário grandes perturbações, o que parece que para o primeiro-ministro e seus acólitos não faz grande diferença, parecendo não se importarem que a esperança de vida volte a baixar!!!

MARIA DO ROSÁRIO GAMA

Presidente da Apre



Há o grande risco de os sinais de retoma na economia portuguesa serem jugulados pelo impacto recessivo dos cortes orçamentais do OE 2014.

MIRA AMARAL

Presidente executivo do Banco BIC Português



Com optimismo responsável, isto é, com alguma esperança.

MANUEL MACHADO

Presidente da Câmara Municipal de Coimbra e da Associação de Municípios



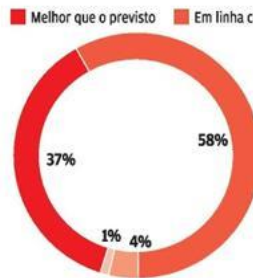
Mais um ano para resistir e como tudo tentar fazer mais e melhor.

JORGE REBELO DE ALMEIDA

Presidente Vila Galé

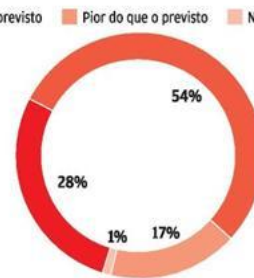
PREVISÕES PARA EUA NÃO FALHAM

37% ACREDITA QUE SERÁ MELHOR



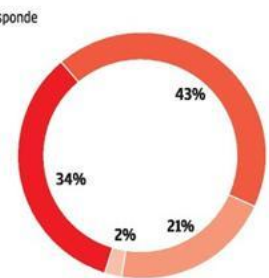
MENOS PESSIMISMO PARA ZONA EURO

17% DIZ QUE SERÁ PIOR QUE O PREVISTO



PORTUGAL COM MAIS PESSIMISMO

PROJEÇÕES EM LINHA TAMBÉM VENCEM



100 líderes acreditam nas projecções para os Estados Unidos. 58% sugere que a economia norte-americana ficará em linha com as previsões. No Boletim de Outono, a Comissão Europeia aponta para um crescimento de 2,6% no PIB americano em 2014.

Os líderes contactados pelo Negócios acreditam também nas previsões para a Zona Euro. A Comissão Europeia estima um crescimento de 1,3% para os países com euro e de 1,4% para a União. O pessimismo do ano passado esbateu-se.

À semelhança do ano passado as previsões para Portugal são as mais pessimistas, já que 21% acredita que a economia terá um desempenho pior que o previsto. Ainda assim 34% acredita que será melhor. É esperado um crescimento de 0,8% para 2014.

Unidade: % | Fonte: Inquérito 2014 Negócios



Os líderes portugueses demonstram, para 2014, maior optimismo do que tinham para 2013. Ainda assim, há muitas cautelas nos seus discursos. Mas nas respostas às perguntas colocadas pelo Negócios, os 100 líderes parecem acreditar nas projecções que revelam uma economia em crescimento para Portugal, ainda que ligeiro. Mas o desemprego e a instabilidade social continuam a ser os principais riscos nacionais. Em 2014 o fim do programa de ajuda externa o que irá trazer? A maior parte dos líderes acredita que Portugal terá de se socorrer de um programa cauteloso e a reforma do Estado devia ser a prioridade do Governo.

ALEXANDRA MACHADO com ATP, AL, AN, BS, CAP, EC, EM, FL, JM, MC, MJB, MJG, MP, NA, PA, PM, RG, RN, RPJ



Existem sinais efectivos de recuperação económica. De qualquer forma o primeiro semestre de 2014 será ainda ténue em termos de procura interna e de limitações ao "funding" de novos projectos.

ARLINDO COSTA LEITE
Presidente da Vicaíma



2014 será um ano decisivo para a União Europeia e para o euro, tanto do ponto de vista interno como do lugar que ocupa - e pode ocupar - no mundo. Portugal deverá centrar-se na consolidação e fomentar o emprego.

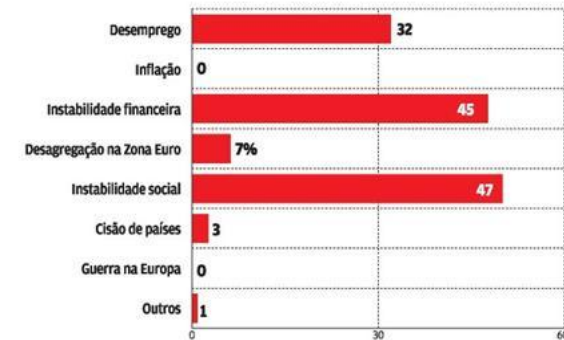
ISABEL JONET
Presidente do Banco Alimentar



O ano de 2014 será um ano em que teremos de dar sequência ao processo de consolidação orçamental e de reforma do Estado. Trata-se de um processo longo e difícil, mas que é o caminho que nos levará à sustentabilidade. Cabe agora à economia portuguesa aproveitar a melhoria do cenário de crescimento mundial uma vez que os primeiros sinais dessa melhoria já são observáveis. Se esta consolidação se confirmar, a redução das taxas de juro da dívida portuguesa de médio e longo prazo pode ser uma realidade. 2014 será igualmente um ano em que os balanços dos bancos portugueses serão escrutinados pelo Banco Central Europeu em consequência da passagem da supervisão para esta instituição, o que deverá significar que o próximo ano poderá marcar o início do processo de normalização no acesso aos mercados financeiros.

NUNO AMADO
Presidente do Millennium bcp

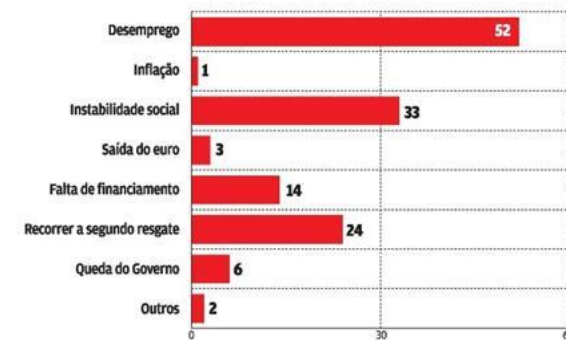
INSTABILIDADE FINANCEIRA E SOCIAL
CONTINUAM A SER PRINCIPAIS RISCOS PARA O MUNDO



A instabilidade financeira continua a ser o maior risco para o mundo percebido pelos líderes portugueses que voltam a juntar, para 2014, a instabilidade social e o desemprego. Há quem acredite que pode haver uma cisão de países ou desagregação da Zona Euro, mas com baixas possibilidades.

Unidade: Número de respostas. Houve inquiridos a dar mais do que uma resposta | Fonte: Inquérito 2014 Negócios

DESEMPREGO CONTINUA A SER PRINCIPAL
RISCO PARA PORTUGAL



Já para 2013, o desemprego foi percebido como o maior risco para Portugal. No último Orçamento, o Governo previu uma taxa de desemprego em 2013 de 17,4%, podendo ainda aumentar em 2014. Não é despiendo as 24 respostas que apontam o segundo resgate como um dos principais riscos para 2014.

Unidade: Número de respostas. Houve inquiridos a dar mais do que uma resposta | Fonte: Inquérito 2014 Negócios



2014 será um misto de contracção da procura no primeiro semestre, resultante do OE 2014, mas de boas perspectivas no segundo semestre, pois a Europa provavelmente irá usar um programa cauteloso do BCE semelhante ao "quantitative easing" dos americanos e dos japoneses, e isso irá animar a economia europeia, afectando positivamente o cenário macroeconómico português, aliado a uma clara expansão das nossas exportações, fruto da descoberta de novos mercados pelas nossas empresas.

ILÍDIO SERÓDIO
Presidente da Profabril



Impossível prever. Há tantas variáveis imprevisíveis. Há que ter uma perspectiva conservadora e depender menos do mercado interno.

PEDRO REBELO DE SOUSA
Sócio SRS



Na melhor das hipóteses, a confirmação de uma retoma económica na União Europeia e em Portugal. Contudo, devido aos muitos factores de incerteza e risco, poderemos assistir a uma reversão desta tendência.

ANTÓNIO COMPRIDO
Secretário-geral da Apetro



Como os líderes vêem 2014



O ano de 2014 terá como principal desafio o fim do programa de ajustamento. O desafio, a meu ver, está em que esse momento não será o fim do ajustamento da economia. Sem se ter demonstrado capacidade para aumentar a produtividade de uma forma permanente, a saída formal do programa de ajustamento não permite ter optimismo quanto ao futuro a médio e longo prazo. O período pós-programa de ajustamento não será mais fácil de gerir em termos de finanças públicas. Em termos de mercado de trabalho, há o risco de o chamado desemprego estrutural se ter instalado a níveis elevados devido ao afastamento (involuntário) da situação de emprego de muitas pessoas, incluindo jovens. Garantir que um eventual crescimento económico a surgir em 2014 os consiga incluir é também um desafio que se coloca.

PEDRO PITA BARROS

Professor Catedrático de Economia

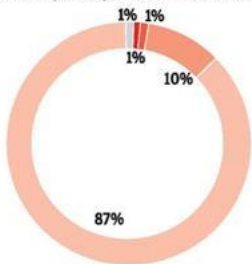


Ao pensar em 2014, vem-me imediatamente à mente um belo fado – Por morrer uma andorinha – “os dias passam iguais aos dias que vão distantes”, porque receio que 2014 não difira fundamentalmente de 2013 ou de 2012, excepto pelo facto de termos ainda mais austeridade, provavelmente, e ao contrário das previsões, piores resultados económicos e, talvez, uma maior agitação social e conflitualidade política. Tudo isso sucede porque, apesar de todo o descrédito das teorias austeritárias, provocado por um conjunto de brilhantes trabalhos, entre os quais se destaca o de Mark Blyth, “Austeridade”. A História de uma Ideia Perigosa, da desautorização que o próprio FMI e diversos Estados vêm fazendo dessa orientação, a Europa não parece disposta a abandonar o pacto de suicídio colectivo em que embarcou. Isto, porque, na inspirada expressão de John Quiggin a austeridade faz parte das “zombie ideas” que, mesmo depois de mortas, teimam em não desaparecer. E o mais grave é que algo me diz que os responsáveis, como no fado, cantarão: “Como vês não estou mudado e nem sequer descontente”.

EDUARDO PAZ FERREIRA

Sócio fundador da Paz Ferreira e Associados

ZONA EURO SOBREVIVE COM MAIOR INTEGRAÇÃO ORÇAMENTAL E BANCÁRIA



- A Zona Euro vai colapsar
- A Zona Euro vai dividir-se em duas
- Há países que vão sair da zona euro, mas o euro mantém-se
- A Zona Euro vai manter-se mas com mais integração orçamental e bancária
- Não responde

Não é unânime, mas consegue uma esmagadora maioria a probabilidade de a Zona Euro se manter, mas com maior integração orçamental e bancária. Há, no entanto, quem acredite no colapso da Zona Euro ou na sua divisão.

Unidades: % | Fonte: Inquérito 2014 Negócios



2014 deve ser, ou deveria ser, melhor que 2013. Sou, por natureza, optimista e pressinto que se vão consolidar os sinais já visíveis mas ainda frágeis de recuperação. Entretanto, receio as consequências da continuada instabilidade política a que assistimos e da incapacidade de os principais partidos se entenderem pela ânsia de poder que têm. Há pouco esforço de convergência por parte de todos. Lamento, por exemplo, o papel de parceiros sociais como os Sindicatos que pensam como nos anos 70 e cujo principal interesse parece ser desestabilizar, executar a agenda política dos partidos que os apoiam ou, às vezes, instrumentalizar e não proteger os interesses dos trabalhadores. Para além das empresas, empresários e trabalhadores, poucos andam a trabalhar para o objectivo de tirar a economia portuguesa do estado quase comatoso em que foi colocada.

MANUEL SANTOS VÍTOR

Sócio administrador da PLMJ



Com optimismo moderado face às incertezas que resultam de mais austeridade e da evolução da zona euro.

MIGUEL BARRETO

Presidente da Gesto Energy



O ano de 2014 será de grande incerteza. Há a necessidade de ser definida uma estratégia para a Europa para a próxima década, na qual os governos dos diversos países se revejam e na qual os partidos de cada país assentem os seus programas eleitorais, obrigando-se a cumprir com políticas a estratégia do TODO Europeu. Como não espero que o façam, será mais um ano de grande instabilidade e sofrimento social.

JOÃO MIRANDA

Presidente da Frulact



Consolidação lenta, mas sistemática da economia nacional. Dinamização da economia europeia e dos mecanismos europeus de governação financeira. Evolução positiva das exportações nacionais, com papel crescentemente relevante da PME de base tecnológica e dos sectores tradicionais. Paulatina acalmia política, propiciando a formação de alternativas de governo de maioria absoluta com base num bloco central, com novas lideranças, capaz de pilotar o País com estabilidade no médio prazo.

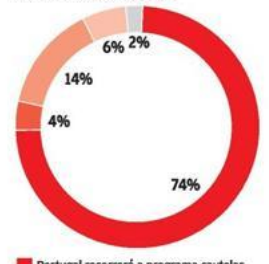
JOSÉ TRIBOLET

Professor do Instituto Superior Técnico

100 líderes antecipam 2014

A Zona Euro vai avançar para uma maior integração orçamental e bancária. E Portugal terá um programa cautelar em 2014.

PORTUGAL VAI RECORRER A PROGRAMA CAUTELAR



- Portugal recorrerá a programa cautelar
- Portugal terá segundo resgate
- Portugal irá aos mercados sem programa cautelar
- Negociar uma reestruturação da dívida portuguesa
- Não responde

Os 100 líderes acreditam mais num programa cautelar do que no segundo resgate para Portugal. E há mesmo 14% que acredita que Portugal sairá do programa de ajuda externa à Irlanda, ou seja, irá aos mercados e nem precisará de cautelar.

Unidades: % | Fonte: Inquérito 2014 Negócios



LUÍS LAGINHA DE SOUSA
Presidente da Euronext Lisbon

Mais do que perspectivar o que pode ser 2014, formulo sobretudo o desejo de que seja um ano em que as empresas e investidores, nacionais e estrangeiros, reforcem os níveis de confiança na capacidade do nosso País poder ser um espaço privilegiado, para aproveitar as oportunidades do mercado doméstico, europeu e global. Formulo igualmente os votos de que a evolução do enquadramento fiscal possa contribuir de forma positiva e duradoura para esse processo de reforço de confiança.

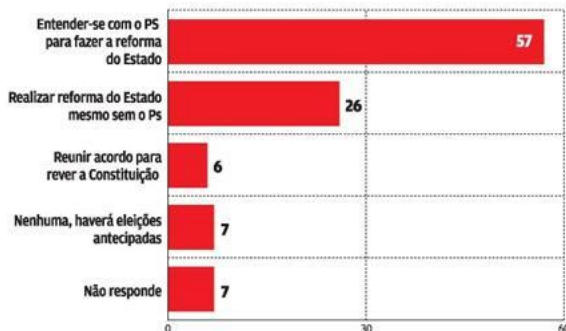


RODRIGO COSTA
Gestor e ex-presidente da Zon

O desemprego mantém-se como o maior problema que temos de conseguir resolver. É necessário criar condições que incentivem mais investimento, quer estrangeiro quer nacional. Acredito também que o sistema de impostos tem de ser repensado, excessivos impostos levam a maior fuga de capitais para o exterior e também incentivam a fuga dos quadros mais qualificados e empreendedores. Com o crescimento do número de agregados familiares dependentes de alguma forma de assistência do Estado é crítico repensar a fórmula para esse financiamento, bem como criar iniciativas que permitam criar ocupação digna e útil para alguns dos milhares de cidadãos desempregados. Receio que o ciclo eleitoral impeça o consenso que é necessário para cumprir as reformas que o país necessita.

2014 será um ano de melhoria das condições económicas na União Europeia, que abre perspectivas de haver um crescimento que, embora ainda em níveis moderados, deve servir de sinal de uma retoma sustentável no espaço europeu. A Zona Euro, ainda assim, deve continuar a crescer menos do que os EUA, continuando a afastar-se do nível de rendimento dos EUA e mantendo níveis de desemprego muito mais elevados. Portugal tinha todas as condições para conseguir um crescimento razoável que desse um sinal forte de recuperação económica que servisse de estímulo à confiança e ajudasse a relançar a economia pelo tão necessário aumento do investimento. No entanto, a opção pela continuação de uma política de austeridade muito acentuada, apesar dos desastrosos resultados da mesma para a economia e dos limitados ganhos conseguidos na consolidação, deverá fazer com que a economia portuguesa não consiga níveis de crescimento que permitam recuperar o crescimento do emprego ou gerar a confiança necessária a que se dê uma retoma forte do investimento. No entanto, em minha opinião as perspectivas não são totalmente negativas, a melhoria da situação na Zona Euro deve permitir algum crescimento pelas exportações, pelo que, a menos que o Governo lance novos factores de instabilidade ou acentue as medidas contraccionistas, há condições para que 2014, mesmo estando longe de ser um ano bom, seja um ano melhor do que 2012 e 2013. Em qualquer análise para 2014 há riscos importantes a realçar. Em termos internos temos uma coligação pouco coesa e pouco coerente no que as diferentes partes querem fazer. Há alguns riscos de instabilidade social, pois a continuação de um desemprego elevado está a deixar muitas pessoas em situações progressivamente mais difíceis. Por outro lado a reconquista da confiança externa está longe de ter sido conseguida. Portugal tem hoje taxas de juro no mercado secundário muito semelhantes às verificadas no início de 2011, e tem um nível de endividamento muito superior. Só uma evolução europeia favorável pode ajudar a restabelecer a confiança. Nesse sentido há sinais positivos em relação ao já muito atrasado processo da União Bancária, e o facto de haver hoje quase um consenso de que o exagero de austeridade dos programas da troika ter sido um erro de má implementação de política económica, pode dar algum espaço para que se criem melhores condições de apoio ao regresso aos mercados do país. Era bom que o Governo soubesse aproveitar essas oportunidades e moderar a austeridade, que até agora foi a sua única linha política, e centrar-se em reformas que promovam a melhoria do funcionamento do Estado e dos mercados que possam ajudar ao relançamento do investimento e do crescimento.

REFORMA DO ESTADO É ESSENCIAL COM OU SEM CONSENSO



A reforma do Estado é vista como essencial. Deve ser a prioridade do Governo, com ou sem acordo com o PS. Ainda assim, a preferência vai para uma reforma de consensos. A revisão da Constituição não é tida como prioritária e há mesmo quem acredite (a maior parte sindicalistas) que vai haver eleições antecipadas.

Unidade: Número de respostas. Houve inquiridos a dar mais do que uma resposta | Fonte: Inquérito 2014 Negócios



Como um ano de mudança. A saída da troika de Portugal deverá ser um marco não só do mérito dos portugueses no ultrapassar da difícil situação financeira, como de esperança num modelo sólido de crescimento económico.

DIOGO FEIO
Eurodeputado do CDS-PP



2014 será o ano da retoma em Portugal, embora tímida. Ela não se sentirá imediatamente no consumo interno, mas espera-se que possa ter reflexos no clima de confiança e no investimento estrangeiro. No final de 2014 e em 2015 espera-se que medidas de desagravamento fiscal possam ser adoptadas.

LINO TORGAL
Sócio gerente da Sêrvulo & Associados

MANUEL CALDEIRA CABRAL

Professor do Departamento de Economia da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho



Melhor que 2012 e que 2013, mas com necessidade de rigor e coragem, especialmente no que se refere à redução da despesa pública. Os resultados obtidos nesta área são fundamentais e, infelizmente, o Governo não conseguiu (embora seja muito difícil) fazer tudo o que deveria ter sido feito. Sem esta redução do "polvo", dentro de alguns anos, voltaremos ao mesmo descontrolo.

JOSÉ BANCALEIRO
Managing Partner da StantonChase



Depois de três anos de degradação da actividade económica e sem perspectivas de melhoria, o ano de 2014 pode tornar-se o ano de viragem, apesar de tímida. O ano em que se vislumbra uma saída do túnel em que entrámos, mas que ainda demorará alguns anos a ser percorrido. A recuperação da economia portuguesa ainda não está de todo concluída e um dos principais riscos é o dos partidos políticos refugiarem-se nos indicadores económicos menos negativos que têm vindo a ser apresentados, reduzindo o ímpeto da mudança que é necessária e que demorará ainda alguns anos, para que a economia portuguesa seja mais ágil e competitiva, menos dependente do Estado, menos dependente da "política" que navega ao sabor do vento. As empresas e as famílias têm feito o seu papel e têm-se adaptado, sendo os principais agentes responsáveis pela estabilização da actividade económica. Resta agora o Estado fazer o seu.

ANTÓNIO MIGUEL FERREIRA
Director-geral Claranet Portugal



A nossa economia está a recuperar, o desemprego está em queda, as exportações continuam a subir. Depois de muito sofrimento, a economia privada está a recuperar. E a "performance" externa é extraordinária, com um superavit na balança comercial acima das expectativas. Mas a reforma do Estado e a consolidação das contas públicas continuam em risco, em grande parte por causa do conflito entre Governo e o Tribunal Constitucional (TC). Se conseguirmos pôr essas duas dimensões no caminho certo, e as próximas semanas com a decisão do TC serão cruciais, então podemos ser optimistas para 2014. Se Portugal conseguir voltar a estender o pagamento das dívidas, com operações de troca de dívida, então podemos ter as nossas necessidades de financiamento para os próximos dois anos quase satisfeitas. Nesse caso, com o bom andamento das contas externas, a recuperação da economia, e as contas públicas no bom caminho, é plausível seguirmos o caminho da Irlanda. O grande risco é que as decisões do TC tornem inviável a regularização das contas públicas e, nesse caso, Portugal continue sem se conseguir financiar no exterior. Nesse caso, um programa cauteloso seria a melhor solução, mas um segundo resgate também é possível. Depende muito da extensão do intervencionismo político e financeiro do TC.

RICARDO REIS
Professor de economia na Universidade de Columbia



Como os líderes vêem 2014



Internacionalmente, estimo uma desaceleração dos emergentes, uma estabilização na Europa até... ao reajustamento nos EUA. A dívida é como e quando o ajustamento do dólar acontecerá. E, tanto podemos assistir a um ajustamento rápido de mercado, como a um ajustamento tipo "soft landing" gerido pela Administração e pela FED. A nível nacional, estimo uma recuperação consistente, assente no binómio Exportações/Investimento Estrangeiro que permitirá beneficiar do "buffer" do consumo interno (a parte de poupança psicológica que as famílias criaram nos últimos dois anos por diferimento de consumos desejados). Os riscos estão no desemprego (que é componente fundamental para a utilização do "buffer" do consumo interno) e na eventual escassez de investimento estrangeiro (componente absolutamente necessária à sustentabilidade do crescimento económico). Três sectores para seguir com atenção: automóvel (indicará a evolução da procura interna e externa), construção civil sem obras públicas (será fundamental para recuperar desemprego) e banca (será fundamental para dar sustentabilidade a qualquer perspectiva de crescimento). Um desejo simples para 2014: redução da dependência dos credores institucionais, aumento do Rating da República.

ANTÓNIO RAMALHO

Presidente da Estradas de Portugal



A queda do governo não é um risco, é uma oportunidade. Mas não vai ocorrer porque o eleitorado não vê ainda alternativa válida -- embora seja verdade que mesmo a alternativa existente seria menos má. Há necessidade absoluta de afirmação de Portugal, quer perante os "credores", quer no quadro da União Europeia. Uns e outros dependem de uma boa evolução da situação portuguesa e só perdem se ela se degrada. É urgente tirar partido disso, que é, afinal, o nosso único trunfo. A submissão e a docilidade já mostraram o que valem. Quem anda de chapéu na mão recebe umas moedas, mas continua na rua a pedir.

ANTÓNIO MONTEIRO FERNANDES

Professor de Direito do Trabalho no ISCTE



Ano de viragem para Portugal para o início da recuperação económica, baseada num crescimento acelerado das exportações compensado por continuidade na retração do consumo interno fruto do desemprego, cortes salariais e pensões e aumento da carga fiscal; desemprego irá estabilizar ou reduzir ligeiramente; no plano interno da empresa, perspectiva de crescimento apoiando as empresas na sua modernização e internacionalização, apoiando a modernização da administração pública e aposta forte no consumo.

JOÃO COUTO

Director-geral da Microsoft



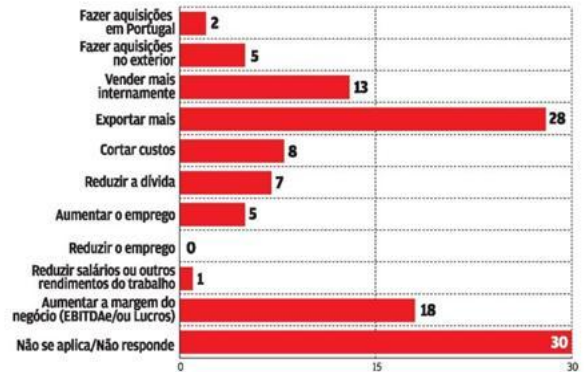
Como um ano decisivo para saber se a Zona Euro continua no caminho da desintegração, ou se, pelo contrário, assume um sobressalto reformista em direcção a uma reforma republicana e federal das instituições. Só esta segunda possibilidade interessa a Portugal.

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

Professor catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



EMPRESAS QUEREM VENDER MAIS CÁ DENTRO OU FORA DE FRONTEIRAS



Exportar mais é a prioridade mais referida pelos inquiridos, mas há quem reforce a necessidade de vender mais em Portugal. Já em 2013 a prioridade estava no aumento das exportações. Mas para 2014, o corte de custos deu lugar à pretensão de aumentar margens no negócio.

Unidade: Número de respostas. (Núv. Inquiridos a dar mais do que uma resposta) Fonte: Inquérito 2014 Negócios



2014 será um ano de grandes implicações sociais geradas pelo impacto das medidas tomadas até agora. Será também o primeiro ano da implementação dos programas de financiamento Europeu Horizonte 2020 e nacionais, Portugal 2020, onde deverão ficar claras as apostas a fazer nos desígnios Europeus (Inovação, Tecnologia e fortalecimento das PME) e Nacionais (Mar) já seleccionados pela comunidade envolvida. A instabilidade social e o desemprego urgem medidas drásticas para parar este flagelo e certamente que em Portugal o caminho até agora seguido não é certo, resultando ainda em menor produtividade económica, afundamento da economia e da sociedade como um todo. Políticas assentes em exploração, baixos salários e "cunhas" e não no mérito, motivação, compensação satisfatória e adequada bem como uma indicação clara de quais as apostas do País (independentes do governo em vigor!) para o ressuscitar da economia e sua prosperidade não trazem qualquer valor ao país, às pessoas e à sociedade.

HELENA VIEIRA

Fundadora da Bioalvo e professora convidada da FCUL



O ano de 2014 será certamente um ano de viragem, com sinais cada vez mais claros de recuperação das economias desenvolvidas. Vai também ser o ano determinante para a clarificação do projecto europeu nomeadamente no que respeita à consolidação dos mecanismos associados à união bancária e à mutualização de dívida, elementos indispensáveis para a reafirmação da confiança dos investidores na Zona Euro.

FRAQUELIM ALVES

Gestor do programa Compete



Para Portugal o ano de 2014 dificilmente será melhor do que 2013. O país vai provavelmente ver-se confrontado com novos desafios, especialmente nos planos político e social. Mas as principais variáveis continuarão a ser externas. No plano económico, Portugal estará condicionado pelo desempenho macroeconómico da Europa, em particular pela procura interna alemã e pela evolução das economias dos EUA e da China. No plano geoestratégico, a maior ameaça parece vir agora do Mar da China, onde este país procura afirmar-se como grande potência, testando a capacidade defensiva dos vizinhos e, reflexivamente, a dos EUA.

AGOSTINHO PEREIRA DE MIRANDA

Advogado e sócio fundador da Miranda, Correia, Amendoeira



Usando uma metáfora, "Portugal vai sair dos cuidados intensivos, mas não vai de imediato para casa pelo seu pé retomar a vida normal". A retoma será gradual, mas a terapia continuará a ser rigorosa e dolorosa, se não queremos voltar para o hospital. O fim da intervenção da troika, com o apoio de um programa cauteloso (que não sabemos que moldes implicará) pode permitir retomar medidas mais favoráveis ao crescimento e emprego, mas é fundamental manter a disciplina financeira e orçamental, sob pena de desperdício do esforço de ajustamento efectuado.

CARLOS LOUREIRO

Sócio da Deloitte & Associados



Em termos macroeconómicos a situação global vai continuar a ser dominada por muita incerteza. Nos Estados Unidos, poderá assistir-se a um novo ciclo de investimento, mas subsistem muitas incógnitas quanto ao impacto de uma provável retirada ou redução do programa de estímulos da Reserva Federal. Quanto à Zona Euro, é possível que 2014 seja caracterizado por um crescimento económico abaixo das expectativas que se formaram a partir do Verão; a reestruturação dos balanços de Governos e privados (especialmente banca) não está ainda terminada e deverá continuar a afectar o crescimento. Também em Portugal essas dificuldades permanecerão, mas há alguns sinais positivos que esperamos que se confirmem durante o novo ano.

MARIA CÂNDIDA ROCHA E SILVA

Presidente do conselho de administração do Banco Carregosa

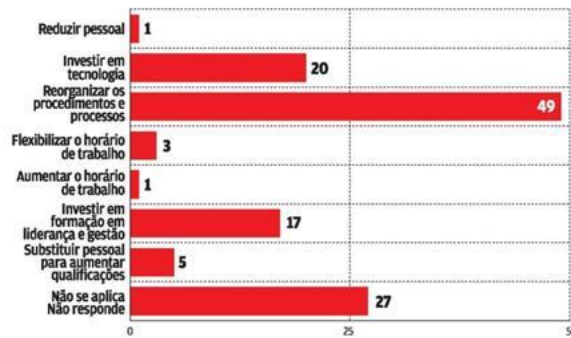


Em 2014 poderemos assistir a uma evolução positiva nas economias dos EUA e da Europa, e também, esperamos, em Portugal. A grande incerteza será a capacidade dos Bancos Centrais retirarem a liquidez massiva que injectaram nos últimos anos sem causarem efeitos disruptivos nas economias. Se conseguirem, o crescimento continuará com base na recuperação dos "drivers" da economia real. Se não conseguirem, poderemos assistir ao recrudescimento das tensões nos mercados financeiros (em resultado do "rebetamento" de algumas bolhas) com consequências nefastas para todos.

LUÍS PAULO SALVADO

Presidente executivo da Novabase

AUMENTO DA PRODUTIVIDADE PASSA PELA REORGANIZAÇÃO DE PROCESSOS



O aumento de produtividade em Portugal passa pela reorganização de procedimento e processos, a avaliar pelas respostas neste inquérito. Quando questionados sobre as medidas para aumentar essa prioridade, os líderes falam ainda no investimento em tecnologia e na formação em liderança e gestão. Reduzir pessoal não está no horizonte destes líderes.

Unidade: Número de respostas. Houve inquiridos a dar mais do que uma resposta | Fonte: Inquérito 2014 Negócios



Como presidente da CTP e sobretudo como cidadão, espero que em 2014 os agentes políticos cheguem a um entendimento, que viabilize um novo ciclo económico e social para Portugal com medidas de relançamento da economia, de apoio às empresas e de combate ao desemprego. Com o fim do programa de ajustamento económico e financeiro de Portugal, é essencial que se reforce o investimento nos sectores de actividade mais rentáveis e com capacidade para gerar riqueza e postos de trabalho.

FRANCISCO CALHEIROS

Presidente da Confederação do Turismo Português



Em contracorrente com a generalidade da opinião pública – influenciada pelas análises catastróficas de alguns comentadores políticos e partidos da oposição – mantenho uma perspectiva para Portugal, em 2014, que, não sendo optimista, é moderadamente positiva, face ao ultrapassar de 1004 dias de acentuada recessão, a que sucede, desde o segundo trimestre de 2014, a constatação de que todos os índices disponíveis apontam para uma recuperação, embora lenta e modesta, da actividade económica nacional. Penso que a generalidade dos sectores económicos iniciará uma mitigada mas progressiva recuperação, confirmadas que sejam as previsões do Governo, do Banco de Portugal e das instâncias internacionais, designadamente a OCDE.

O saldo positivo da balança de pagamentos, face ao excelente desempenho das exportações, tenderá a acentuar-se, embora, em contraponto, para tal contribua a retracção do consumo interno.

Mas não creio que essa retracção do consumo interno se amplifique em 2014, pese embora o desemprego – aliás com tendência ligeiramente decrescente –, as contenções salariais e os cortes nas pensões, reformas e benefícios sociais.

É que, pela primeira vez desde há dois anos e meio, começam a evidenciar-se índices de acréscimo de confiança dos portugueses e é consabido em que medida esse factor psicológico actua sobre a propensão para o consumo interno.

Creio, por outro lado, que se aperfeiçoarão políticas de financiamento primordialmente direccionadas para as pequenas e médias empresas, a que acrescerá, a curto e médio prazo, os benefícios progressivamente decorrentes da reestruturação, em curso, do regime do IRC.

Penso, igualmente, que em ano pré-eleitoral, a saída em Junho da troika – mesmo que a ela sobrevenha um programa de assistência cauteloso – dará ao Governo, sobretudo no segundo semestre de 2014, maior liberdade de acção para adoptar medidas algo moderadoras, condicionadas, embora pela inevitável manutenção de um cenário macroeconómico de austeridade.

É esta a minha visão para o ano de 2014. E só lamento que essa visão seja bipolar no que concerne ao moderado optimismo com que antevejo, para 2014, o desempenho da generalidade dos sectores económicos nacionais, e o profundo pessimismo que, infelizmente, auguro para o segmento da Actividade Económica em que a minha intervenção profissional se insere. Refiro-me à desesperada situação económico-financeira dos casinos portugueses que, financiando quase 70% do turismo nacional, já não resistem a continuar vergados ao peso de uma extorsiva tributação crescente que, desde há dois anos, mais se eleva na paradoxal medida em que as respectivas receitas sucessivamente caem.

Resta-me a esperança de que este Governo encare de frente – e urgentemente – tão insustentável situação, seja pelo mérito intrínseco do modelo conceptual adoptado pelos casinos portugueses enquanto prestigiados agentes de promoção turística e cultural, seja pelo seu decisivo contributo no financiamento da Actividade Turística, ela própria responsável por 8% do emprego, 10% do PIB nacional e principal geradora das divisas que, anualmente, ingressam em Portugal.

MÁRIO ASSIS FERREIRA

Presidente da Estoril-Sol



Como os líderes vêem 2014



Numa época em que a maioria das empresas recompensa os seus gestores pela capacidade que demonstram em realizar mais do mesmo de forma mais eficiente, torna-se difícil esperar grandes mudanças no ambiente económico nacional, ainda para mais quando todos nós possuímos o sentimento da existência de um nível crescente de ameaças globais, independentemente das suas proveniências. Como reféns de um paradigma que coloca a obtenção de eficiência à frente de qualquer outro objectivo, os nossos gestores e empresários terão de ser capazes de se libertar dessa amarra fazendo da paixão, da criatividade e da iniciativa o seu grande imperativo para que possam prosperar nos tempos difíceis em que vivemos. Experimentar com tecnologias disruptivas, explorar novos caminhos para entrar no mercado e esforçarmo-nos para alcançar novos tipos de consumidores é a única forma que todos temos de enfrentar a surpresa que o futuro nos irá revelar. Acredito, por isso, que 2014 seja um ano no qual os empresários portugueses procurem no Ecossistema Empreendedor Nacional soluções que lhes permitam alcançar esse Conhecimento beneficiando do "Silicon Valley" de políticas públicas que os Governos têm lançado, mas que continuam a ser, infelizmente, desconhecidas da generalidade dos portugueses e dos empresários em particular.

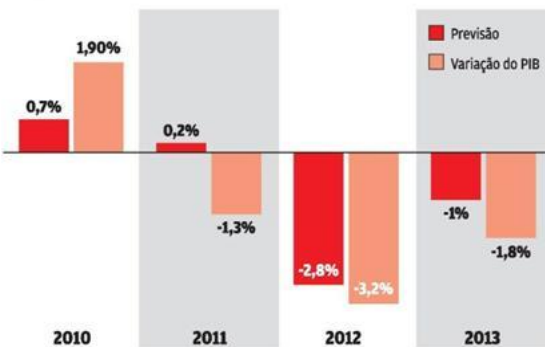
FRANCISCO BANHA
Presidente da FNABA



A economia portuguesa, em 2014, vai depender sobretudo do que acontecer à procura interna. As exportações deverão crescer entre 3 e 5%, sendo aqui o ambiente menos incerto. Seria necessário, assim, que, na procura interna, se transformasse a poupança privada acumulada ultimamente em dinamismo da procura e o Estado não fosse exageradamente restritivo, para que os sinais ténues se transformassem em sinais mais consistentes, mesmo que a custo da deterioração do equilíbrio externo. As expectativas negativas existentes, a turbulência política, a incerteza sobre a modalidade de financiamento do Estado são as grandes incertezas, já que na procura externa, como se disse, os sinais parecem consistentes.

FRANCISCO MADELINO
Professor no ISCTE, ex-presidente do IIEFP

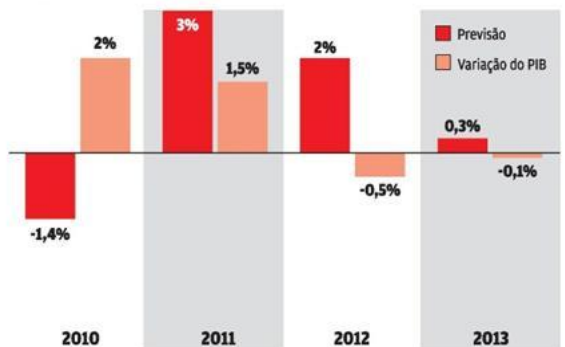
PORTUGAL TEVE PIOR DESEMPENHO DO QUE PREVISÕES LÍDERES ACERTARAM



Face ao que foi previsto, o ano de 2013 terá tido um desempenho pior. E os líderes, em 2013, anteviam já esse cenário. Diziam que a economia portuguesa iria ter um desempenho pior do que o previsto. E ao que tudo indica foi isso que aconteceu.

Unidade: % | Fonte: Comissão Europeia e Orçamento do Estado

ZONA EURO COM PIOR DESEMPENHO DO QUE O ANTECIPADO



A zona euro também teve um desempenho pior do que o previsto inicialmente. Os líderes, há um ano, anteviam que iria ficar em linha, ainda que 43% já antevissessem um desfecho pior. Já em 2012, acreditaram que a evolução seria pior e foi.

Unidade: % | Fonte: Projeções da Comissão Europeia



O Orçamento e em particular as metas do défice serão dificilmente cumpríveis tendo em conta o carácter recessivo do mesmo. Voltando aos mercados ou não, o principal obstáculo são as taxas de juro e o financiamento da economia, em particular em termos de investimento para a economia global, mas com especial incidência nas PME. O próximo Quadro Comunitário aparenta estar atrasado em termos de preparação, o que é preocupante tendo em conta que será uma das poucas vias garantidas para dinamizar o investimento. Haverá, muito provavelmente, um qualquer sistema de garantias europeias quando terminar o PAEF [programa de ajustamento económico e financeiro], mas existe uma grande interrogação sobre as exigências europeias e a capacidade negocial do Governo para garantir condições para o relançamento da economia. Será mais um ano difícil. Conto com capacidade de resposta das empresas como um elemento positivo para a evolução da economia e do país...

JOÃO VIEIRA LOPES
Presidente da CCP (Confederação do Comércio e Serviços de Portugal)



O ano de 2014 será um ano de afirmação, com emergência de uma nova dinâmica económica e social. Com o alívio da maior crise económica e financeira do nosso tempo, com o fim do pesado abatimento e o renascer da esperança e de expectativas positivas, começará a surgir uma nova mentalidade e uma nova energia, e a florescer uma indomável vontade empreendedora. A crise e as dificuldades dela decorrentes desenvolverão a energia e a motivação necessárias para enfrentar os novos desafios com mais coragem e determinação. O desvanecimento da ideia de um Estado protector, à sombra do qual todos poderiam alojar-se – fãlsamente fomentada e alimentada ao longo de décadas por objectivos políticos irresponsáveis e irrealizáveis –, está a dar origem à iniciativa pessoal disciplinada, responsável, qualificadora e empreendedora. É o início de um novo ciclo – de um ciclo de inovação, qualificação, criatividade, empreendedorismo e prosperidade.

JOÃO COSTA
Presidente da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal



Um ano de grande incerteza e em que tudo pode acontecer. Se pode ser o primeiro ano de uma recuperação, os factores de incerteza são muitos e podem inverter facilmente os sinais de melhoria. Um pior desempenho orçamental, um número de desemprego pior, a dificuldade de algumas empresas obterem financiamento são factores que podem levar a que a melhoria de confiança que se tem registado se inverta anulando a recuperação. Nesse sentido tudo o que puder ser feito para mitigar a incerteza é o maior contributo para a melhoria da economia.

VÍTOR ESCÁRIA
Professor do ISEG



Um ano de recuperação e de selecção de "players" num mercado cada vez mais exigente e com forte dificuldade de acesso ao crédito.

JOSÉ MIRANDA
Presidente da AMS Goma-Camps



O ano de 2014 será decisivo para determinar o grau de autonomia com que o País irá viver os próximos anos. Mesmo que a questão da sustentabilidade financeira não esteja ultrapassada, a própria capacidade de empreender políticas mais vinculadas de estímulo à actividade económica dependerá de um menor grau de subordinação a determinações vindas do exterior em matéria de opções orçamentais.

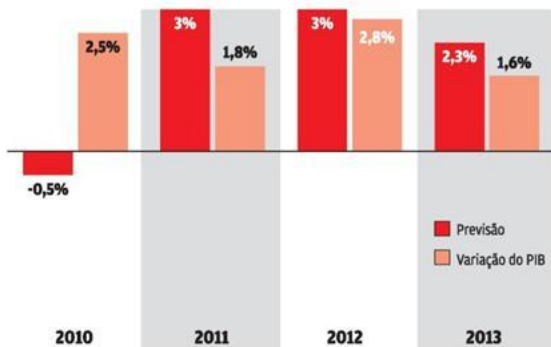
RICARDO RIO
Presidente da Câmara Municipal de Braga



Um ano crucial na aferição do (in)sucesso das políticas de ultra-austeridade do Governo e da troika por via do PAEF [programa de assistência económica e financeira]. A rejeição destas políticas pelos parceiros sociais assente na ausência de crescimento económico; na manutenção de uma elevada taxa de desemprego, sobretudo entre os mais jovens; do não aumento da oferta de emprego e da consequente emigração de uma geração qualificada; na ausência de confiança como factor relevante para atrair o investimento privado; na não implementação de formas de financiamento às PME por parte da Banca comercial a taxas de juro atractivas e mobilizadoras; na ausência de perspectivas para redinamizar o consumo interno através do aumento eterno de rendimentos adiados de uma política de rendimentos assente em salários baixos; nenhuma instabilidade social decorrente das reduções de salários e pensões. Enfim, um ano de previsibilidade política e social assente na saída da troika e na incerteza da necessidade de recurso a um programa cauteloso.

CARLOS SILVA
Secretário-geral da UGT

ECONOMIA NORTE-AMERICANA COM PROJEÇÕES MAIS OPTIMISTAS



As previsões da Comissão Europeia para os Estados Unidos eram também melhores do que deve acontecer para o conjunto de 2013. A maior parte dos líderes, em 2013, antecipava que a economia ficaria em linha com as previsões.

Unidade: % | Fonte: Projeções da Comissão Europeia



Com a política seguida até agora, as perspectivas são desastrosas para os trabalhadores, o povo e o país. Contudo existem alternativas. Para nós, Portugal tem futuro, nomeadamente se: renegociar a dívida, nos seus montantes, prazos e juros e travar as medidas contidas no memorando da troika; subordinar a redução do défice ao crescimento económico, libertando recursos para investir numa produção que incorpore alto valor acrescentado e seja criadora de mais e melhor emprego; aumentar os salários e o salário mínimo nacional, para revitalizar a economia, fixar a força de trabalho mais qualificada e dignificar quem quer viver e trabalhar em Portugal; valorizar as funções sociais do Estado e os serviços públicos, com o fim das privatizações em curso; implementar uma política fiscal centrada numa reforma do IRS e do IVA, que desonere os rendimentos dos trabalhadores e dos pensionistas.

ARMÉNIO CARLOS
Secretário-geral da CGTP



É sempre difícil fazer previsões. No entanto, temos alguns elementos positivos no que toca à economia internacional: provável descida do preço do petróleo (graças aos aumentos de produção nos EUA e o recente acordo com o Irão); o novo activismo da política económica japonesa; a cautela nos EUA em retirar as medidas de estímulo monetário, etc.. No entanto, estas boas notícias podem tornar-se presentes envenenados para os países emergentes e para países como Portugal se tal recuperação económica vier acompanhada por uma subida das taxas de juro. No plano Europeu, há alguns sinais de estabilização e algumas declarações que apontam para um abrandamento da austeridade. No entanto, com a continuação da austeridade, um sistema bancário fragmentado e crise aguda na periferia será muito difícil assistir a qualquer recuperação robusta da economia. No caso português, embora a continuação da austeridade vá continuar dentro do provável "programa cauteloso", os riscos de um segundo resgate continuam a existir. Se as taxas de juro internacionais aumentarem e o BCE não se dispuser a intervir com novos instrumentos de política monetária, muito dificilmente Portugal conseguirá financiar-se nos mercados. Na esfera mais doméstica, o novo Orçamento implicará um novo golpe no recente motor da estabilização económica, a procura interna. Se a procura externa poderá melhorar com a estabilização europeia e a diminuição do preço do petróleo, a actual tendência para a valorização do euro não permite prever que este seja um motor de crescimento. Com deflação, procura interna deprimida e procura externa pouco dinâmica, Portugal continuará no presente declínio económico e insustentável endividamento.

NUNO TELES
Investigador do CES



O ano de 2014 continuará a ser de desafios a nível económico, financeiro e social! As assimetrias sociais que temos vindo a verificar continuarão a vincar a sociedade portuguesa, sendo esta porém capaz de iniciar um ténue caminho de recuperação da sua autonomia financeira. Antecipo para 2014 uma ligeira retoma do mercado em geral, com enfoque nos bens de consumo e nos Serviços Tecnológicos, fruto de uma maior dinâmica do sector privado, das exportações e do ajuste do sector público. Ao nível empresarial, apesar de prever uma continuação das medidas de controlo da despesa, antecipo também um foco especial na eficiência de processos, na revisão das estratégias de contenção, virando-se estas agora para o crescimento, bem como um crescente aumento do investimento e com ele, indirecta e gradualmente, do emprego! Estou confiante que 2014 será um ano difícil, mas de inflexão nas tendências dos últimos anos, apontando Portugal para o crescimento e os portugueses para uma melhoria do seu Mercado de Trabalho, da Economia e do Desenvolvimento Social... afinal de contas, vale a pena investir em Portugal...!

ALEXANDRE FONSECA
Presidente executivo Oni



Como os líderes vêem 2014



Estou convencido que 2014 vai ser o ano da retoma económica nos principais blocos económicos da União Europeia e dos EUA. Isso acontecerá mais rapidamente e com mais robustez nos EUA devido à maior flexibilidade e capacidade de reinvenção da economia americana. A Europa precisa de continuar a fazer importantes reformas económica e alicerçar melhor a integração económica para que possa voltar a crescer com robustez. Em Portugal, penso que iremos continuar a fazer o nosso percurso, com alguma lentidão devido à dificuldade que temos tido em completar importantes reformas no Estado. Se conseguirmos evitar crises políticas importantes e continuarmos a nossa trajectória, 2014 será também o ano da retoma económica para Portugal, bem como o ano da saída do programa de ajustamento. Por isso, será um ano marcante para a nossa economia. Do ponto de vista empresarial, iremos continuar o importante processo de viragem para o mercado internacional, porventura até com alguma aceleração face à trajectória actual na medida em que trabalho de abertura de mercados externos começará a dar frutos em mais larga escala

FRANCISCO VELOSO
Director da Católica Lisbon



Não obstante o previsível aumento da instabilidade social, a economia continuará a dar sinais de recuperação, ainda que ténues. Todos estamos conscientes de que o aumento do volume de negócios das exportações é uma evidência clara do reconhecimento e da valorização do selo "made in Portugal". O sector vitivinícola do Porto e Douro, em particular, não é excepção. O volume de negócios é ascendente e é de destacar o contínuo aumento nas categorias especiais de vinho do Porto. Contudo, é fundamental reforçar as exportações, apoiando as empresas nesse seu esforço de encontrar novos mercados e a marcar posição nos mercados tradicionais. Para isso, a estabilidade política é um factor determinante. Para 2014, o maior desafio para o país será o equilíbrio das medidas de carácter económico e financeiro com a componente social. Evitar a instabilidade social deve estar no centro das preocupações dos organismos decisores. Será de maior importância fomentar a confiança junto da população, de forma a permitir o aumento do consumo interno.

MANUEL CABRAL
Presidente do IVDP (Instituto dos Vinhos do Douro e do Porto)



JOÃO RODRIGUES
Economista e investigador do CES

Em matérias de previsões é melhor tentar seguir Keynes – "mais vale estar vagamente certo do que rigorosamente errado": a recuperação da procura interna e a descida do desemprego recentes e tímidas poderão ser postas em causa com a nova ronda de austeridade inscrita no Orçamento, sendo estes os grandes riscos nacionais. Embora tenhamos sinais de estabilização internacional, em geral, e da zona euro, em particular, fruto da acção dos bancos centrais ou da atenuação da austeridade, a verdade é que para esta periferia europeia a situação continuará a ser difícil, dada a persistência no erro "austeritário", que prosseguirá qualquer que seja o destino tão discutido – programa cauteloso ou segundo resgate –, de resto facilitado por governo subserviente, ou dada a tendência para a apreciação do euro.



Vamos continuar a subsistir sofrivelmente. Não vai ser ainda o ano de viragem apesar de acreditar que vai haver maior investimento e o emprego vai continuar a diminuir. E, se houver bom senso por parte do Governo e dos Parceiros Sociais, a instabilidade social também pode abrandar. Não acredito que Portugal saia do euro, seja pelo seu pé, seja por imposição de terceiros. Não somos suicidas e a Europa não tem força para o fazer. Depois da saída da troika, o Governo deve reequacionar a sua situação e ponderar se tem ou não ânimo e coesão para levar o mandato até ao fim da legislatura ou se deve pedir eleições antecipadas. No primeiro caso tem de se reforçar. No segundo caso, seja o que Deus quiser...

RUI PENA
Advogado e sócio da CMS-RPA



Um ano em que se torna fundamental que os partidos políticos sejam capazes de estabelecer um acordo sobre a Reforma do Estado. Diminuição do consumo interno seja pela via das pensões seja pelo aumento de imposto contribuirá para o aumento do desemprego. Expectativa que no Ensino Superior sejamos capazes de ultrapassar o preconceito de Público versus Privado e que a discussão seja como cumprir os objectivos de 2020.

NELSON SANTOS DE BRITO
Director da Universidade Europeia



Perspectivo crescimento superior ao "consenso de mercado" em função sobretudo de menor austeridade orçamental nos países desenvolvidos e de recuperação do consumo doméstico na Zona Euro e nos EUA.

ANTÓNIO CASTRO HENRIQUES
Presidente da Soares da Costa



A perspectiva futura é encarada com grande preocupação, quer internamente, quer a nível europeu. Preocupante é também que não exista uma tomada de posição conjunta dos países do sul da Europa em relação ao euro e à reestruturação da dívida, que permita repensar o sistema europeu e promover o crescimento na Zona Euro.

JOÃO ALMEIDA LOPES
Presidente da APIFARMA



Como os líderes vêem 2014



O ano de 2014 vai permitir que os portugueses comecem a perceber se a crise está realmente no fim. Ainda vai ser um ano difícil, no entanto, acredito que o desemprego se reduzirá pelo menos 1%, e o PIB pode crescer também entre 0,8% e 1%.

Se estes valores macroeconómicos acontecerem como acredito, pode considerar-se que a economia estará em retoma e a preparar-se para ter um Orçamento de 2015 com muito menos cortes do que ainda aconteceu em 2014. Tenho a expectativa que a reforma do Estado vai acontecendo, lentamente, mas já com algumas medidas de fundo. O custo da massa salarial do Estado não pode voltar ao que era antes da troika. Era necessário conseguir trazer para a discussão o Partido Socialista, para poder acertar na Constituição os direitos que estão para além do que é uma economia moderna e capaz de cumprir com os compromissos constitucionais. Hoje, Portugal não tem capacidade para cumprir com as responsabilidades que assumiu na Constituição, o que leva a que os governantes, para tornar a Constituição, encontrem soluções alternativas que são rebuscadas e sem sustentabilidade futura ou prejudicando quem já não suporta mais cortes.

EDUARDO RANGEL

Presidente do Grupo Rangel



O mercado nacional vai manter-se estagnado. A economia europeia crescerá ligeiramente. Muito duvidoso o cenário nos EUA pois a economia está dependente da injeção de liquidez pela Reserva Federal, que terá de acabar. Contamos manter em 2014 o aumento sustentado das exportações de Vinho Verde e já começa a estar num horizonte não longínquo exportarmos 50% do negócio. Há dez anos exportávamos 15%.

MANUEL PINHEIRO

Presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes



O ano de 2014 será o ano da consolidação da retoma da economia portuguesa, ainda que com níveis de crescimento moderados, mas que devem permitir uma nova ligeira descida do desemprego. As principais medidas de política devem estar orientadas para apoiar a economia, mantendo o necessário processo de redução do desequilíbrio orçamental. O não agravamento da carga fiscal e a previsibilidade da política orçamental do Estado são factores essenciais para promover a confiança dos agentes económicos e suportar a recuperação do investimento empresarial. A nível europeu, o processo de integração deverá aprofundar-se, com novos passos no sentido de criar uma verdadeira união bancária.

ANTÓNIO VIEIRA MONTEIRO

Presidente do Santander Totta



Após ter atravessado o mais profundo e prolongado período de crise, com quebras acumuladas, desde 2002, de cerca de 53%, o sector da construção e imobiliário está a registar os primeiros sinais positivos que, não consubstanciando ainda um movimento suficientemente consolidado para se poder falar em retoma de actividade, permitem encarar o ano de 2014 com uma renovada esperança. Porém, para a consolidação deste processo torna-se essencial a implementação das medidas consensualizadas entre o Governo e a CPCI, no passado dia 8 de Março, no Compromisso para a Competitividade Sustentável do Sector da Construção e do Imobiliário, sobretudo daquelas cuja concretização até ao final do ano, foi já assumida pelo Executivo.

MANUEL REIS CAMPOS

Presidente da Confederação Portuguesa da Construção e Imobiliário



Penso que o ano 2014 poderá ser ainda pior que 2013. Com a actual política e o Governo que temos, o país continuará a mergulhar no desconhecido e os alegados sinais positivos são sentidos diariamente pelos portugueses no seu salário e no seu emprego. Era necessária vontade política que não existe para partir em sentido diferente: renegociar a dívida em todas as suas componentes; melhorar serviços públicos com vista a reforçar as funções sociais do Estado; criar emprego, promover crescimento, reforçar apoios sociais, ter a Educação como garante de futuro. Não é o que temos, até porque o Governo não procura cumprir qualquer meta, como reconhece o guião da dita reforma do Estado, mas alterar o modelo. Se conseguir isso, o modelo que quer impor constituirá o terramoto final. Isso é mau para a maioria, mas não para todos. Aqueles que Passos e o seu Governo servem irão ganhar muito e não deixarão de agradecer adequadamente. O grande desafio dos portugueses será o de agirem em tempo útil para evitarem a hecatombe.

MÁRIO NOGUEIRA

Secretário-geral da Fenprof



A nível nacional, com muita preocupação face à redução brutal do rendimento "per capita". Vai certamente ser o pior ano desde 2008, também porque o nível de imposição fiscal pela via do IVA, do IMI e outros impostos vai reduzir a competitividade das empresas. A nível internacional, o cenário não é mais optimista, sendo que a abertura da Alemanha a uma maior integração orçamental e bancária é crucial!

LUÍS VEIGA

Director executivo da AHP



Vejo 2014 como um ano em que a economia mundial vai começar verdadeiramente a recuperar dos efeitos da crise financeira e de dívida soberana, no qual serão dados passos importantes para o robustecimento da arquitectura institucional da Zona Euro, mas com riscos acrescidos nos mercados emergentes, dados os desequilíbrios que se criaram nestes países nos últimos anos (bolhas de crédito, desequilíbrios orçamentais e desequilíbrios externos).

JORGE TOMÉ

Presidente executivo do Banif



O ano de 2014 será crucial para determinar se o actual sistema político e os seus agentes têm a capacidade, o sentido patriótico e a visão necessárias para estabelecerem os entendimentos e acordos de longo prazo que restabeleçam a confiança nas instituições e permitam o arranque de um novo ciclo em Portugal. Os portugueses, por todo o estoicismo revelado nos últimos anos, desejam (e merecem) que tal aconteça!

PAULO VARELA

Presidente executivo da Visabeira



Vai ser um ano em que iremos ter o referendo inglês que seguramente irá sair da Europa; a Escócia, por sua vez, pode sair do Reino Unido, o que acho pouco provável, mas vai causar grandes problemas a Inglaterra. Em Espanha, a Catalunha vai continuar a insistir em ser independente, ajudada pela Rússia, os catalães vão seguramente fazer frente a Madrid, que não deixa a Catalunha sair. Nos Estados Unidos, a economia irá relançar-se e haverá uma abertura maior na China. Nos países árabes vai-se manter o Inverno muçulmano cada vez mais radical, e cair nas mãos dos revoltosos sírios, que não querem a paz mas antes extremar as posições muçulmanas. A Alemanha continuará com a ajuda da França e sempre contra o Reino Unido a parceria num eixo franco-alemão a dominar e reduzir a Europa a um jogo dos seus interesses económicos, fazendo, através da economia, o que não conseguiu com duas guerras.

HÉLIO LOUREIRO

Chef



O desafio é sermos capazes de (re)escrever o nosso futuro. Criá-lo, em vez de o aceitar ou repetir. Deixar ir embora a troika e, com ela, mandar embora de vez o que a trouxe cá.

JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA

Advogado e sócio da VdA



2014 deverá continuar a ser um ano marcado pela continuação da quebra do consumo privado, com a austeridade a reflectir-se no comportamento das empresas e famílias. As empresas mais expostas ao mercado interno continuarão, por isso, pressionadas nos seus negócios. Espera-se que, progressivamente, o custo do crédito à economia tenda a descer, à medida que se avança para a união bancária, factor estrutural de confiança para o sector financeiro. Vejo com alguma dificuldade que Portugal consiga cumprir os seus compromissos, tendo em conta que o crescimento económico, a existir, deverá ser residual, dada a ausência de políticas claras que o promovam.

MIGUEL ALMEIDA

Presidente executivo da Zon Optimus



Apesar de todas as incertezas não só à escala nacional, como europeia, acredito que o ano de 2014, deverá ser um ano de oportunidades para as empresas portuguesas, sobretudo aquelas vocacionadas para a exportação, pois:

1- Depois de uma permanência tão longa de investimentos tão curtos, as Instituições financeiras, para salvaguarda da sua sobrevivência, terão de ser mais pro-activas no mundo da economia.

2- O aforro gerado pelas pequena e média poupanças responderá positivamente aos estímulos gerados por projectos sustentados em boas parcerias internacionais ou que demonstrem uma sólida presença no mercado aquém e além fronteiras.

3- A emigração de Jovens Quadros para economias mais competitivas poderá gerar, a relativamente curto prazo, um novo ambiente de saber empresarial, conquistado à custa dessa debandada para mercados mais competitivos e por isso geradores de um "know-how" que muito nos poderá servir num futuro próximo.

ANTÓNIO TRINDADE

Presidente da Porto Bay Hotels & Resorts



Apesar de alguns sinais de melhoria registados pela economia portuguesa, Portugal continua a enfrentar em 2014 um desafio fundamental: a estabilização financeira. É preciso colocar Portugal a salvo de um segundo resgate e este objectivo só pode ser alcançado se existir a vontade e a capacidade para renegociar a taxa de juro, trazendo-a para o patamar dos 4,5%. Ultrapassada esta barreira e consciente de que as empresas têm feito um esforço de reajustamento que, embora difícil, as torna mais ágeis, mais capazes de se potenciarem no exterior e mais bem preparadas para responder a novos desafios, teremos reunidas as condições para poder pensar em retirar Portugal da encruzilhada em que se encontra.

RICARDO MIEIRO

Presidente Ascendum



Como os líderes vêem 2014



Vejo 2014 com preocupações para Portugal, porque até à data não tem existido coragem política para proceder às necessárias reformas estruturais do Estado, pelo que pessoas e empresas continuarão a pagar custos demasiado elevados e até injustificados. O Estado tem de definir a sua missão (o que deve fazer e o que não deve fazer), identificar e planear as instituições necessárias para executar a sua missão, incluindo os serviços que elas devem prestar, o nível de qualidade e os custos que os deve caracterizar, assim como planear os recursos necessários para executar os serviços com eficácia. É necessário libertar a economia do peso e da interferência exagerada do Estado, diminuir significativamente os seus custos e melhorar a sua eficácia, dotando-o de quadros muito qualificado que operem num regime de elevada responsabilização e "accountability" a todos os níveis. Apenas uma sociedade mais desenvolvida e que assuma "responsabilidade" como um valor central poderá ser socialmente justa. Considero inevitável um segundo resgate, embora atenuado politicamente na forma de um "programa cautelar".

JOSÉ ANTÓNIO SALCEDO

Empresário



Um ano negro caso a Comissão Europeia não reveja as suas posições e encaire a Europa numa perspectiva solidária que passe, inclusivamente, pela mutualização efectiva da dívida pública. Num espaço económico em que perto de 70% do comércio é entre os seus membros, os défices de uns são os superávites dos outros.

LUÍS NATAL MARQUES

Presidente da SEFIN



O cenário económico é ainda de muita incerteza, nomeadamente no que toca ao risco de um segundo resgate, embora já em 2014 possa verificar-se sinais de uma retoma gradual da economia e um aliviar da austeridade com a desejável implementação de um plano de crescimento e aceleração da economia através de medidas "anticíclicas", tais como reduções (temporárias) de impostos, criação de fundos e subsídios de apoio a pequenas e médias empresas e outras medidas de impulso para a economia portuguesa.

OCTÁVIO VIANA

presidente da ATM (Associação de Investidores e Analistas Técnicos do Mercado de Capitais)



Não tenho grandes expectativas pelo que gostaria de focar mais o "Como gostaria de ver" em vez do "Como vejo". ESTADO: gostaria de ver uma Reforma do Estado que partisse de uma séria avaliação de quais as Funções de Estado (1º o que é que só o Estado pode fazer; 2º o que é que o Estado pode fazer melhor que os privados; 3º o que é que os Estado pode fazer em concorrência com os privados; 4º o que é que o Estado não pode, nem deve fazer porque não tem vocação ou é incompetente). Gostaria também que o Estado tivesse a lucidez para implementar princípios de meritocracia, sendo capaz de atrair os mais competentes "commis de l'état" e premiando-os, antes da Reforma da AP [administração pública], pois não é possível reformar sem bons agentes da Reforma e estes são os altos Quadros da AP e não os membros dos Gabinetes; ECONOMIA: necessário implementar medidas que eliminem os estrangulamentos sobretudo no que respeita à atração do Investimento Estrangeiro. A minha restia de esperança está nas Empresas que, apesar das dificuldades, perceberam que são elas que constroem o futuro do País.

JORGE MONTEIRO

Presidente da ViniPortugal



Os próximos seis meses serão estratégicos para o futuro do país – creio que este será um período de algum desassossego e expectativa face ao futuro da economia do país, que dependerá bastante de conseguirmos ou não libertar-nos da intervenção da troika. Se conseguirmos libertar-nos da intervenção externa, acredito que este poderá ser um ano de mudança, pela positiva. Caso contrário as minhas perspectivas face ao futuro são muito conservadoras.

LUÍS LIMA

Presidente da APEMIP



2014 é um ano fundamental para Portugal. É importante contar com maior estabilidade financeira a nível internacional, principalmente na zona euro. A recuperação económica da Europa é muito importante para a recuperação económica em Portugal. Quanto ao fim do programa de assistência, o essencial é que Portugal tenha condições para concretizar o regresso aos mercados e evite um segundo resgate. Neste momento é possível antecipar esse cenário como o mais provável. Este enquadramento permitirá uma evolução positiva na criação de emprego.

JOÃO PINHO DE ALMEIDA

Deputado (na altura em que enviou o comentário)



Os principais desafios para 2014 consistem, a nível global, na procura de novos equilíbrios geo-estratégicos e na superação dos sucessivos focos de instabilidade regional e, em Portugal, na continuação do ajustamento macro-económico, com passagem a um programa de apoio "meramente cautelar", mantendo o ritmo da redução do peso do Estado e da transformação da economia nacional numa economia mais aberta ao exterior, mais amiga do investimento e menos proteccionista. Neste quadro, o tema da revisão constitucional poderá voltar ao debate, nomeadamente, pela necessidade de "constitucionalização" da denominada "regra de ouro", como forma de permitir uma interpretação sistemática dos princípios constitucionais, na qual equilíbrio orçamental tenha também um peso adequado.

JAIME ESTEVES

Sócio da PWC